



## QUADRO ANTIGO DO CEMITÉRIO ECUMÊNICO SÃO FRANCISCO DE PAULA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Bruna Frio Costa \*  
Carla Rodrigues Gastaud \*\*

### Resumo

*O objetivo principal deste trabalho é discutir a relação entre história e memória, tendo como pano de fundo a relação de Ricardo Rojas, ex-morador e ex-capataz, com o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula na cidade de Pelotas (RS). Portelli afirma que ao pesquisarmos um lugar, pesquisamos também sobre os que o criaram e que ali se formaram e sobre as circunstâncias particulares desse lugar e dessas pessoas. Assim, ao pesquisarmos o Quadro Antigo do Cemitério pesquisamos também o senhor Ricardo e sua família, que viveram e trabalharam no local entre 1914 e 2009. A história oral é uma metodologia que busca, por meio de suas fontes, um caminho para a produção de versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões. Afinal, segundo Alberti a história oral permite ao pesquisador recuperar aquilo que não foi encontrado em documentos de outra natureza. No caso do Quadro Antigo do Cemitério os registros encontrados são pobres, existem apenas documentos administrativos da mantenedora, o que torna ainda mais importantes os relatos do senhor Ricardo.*

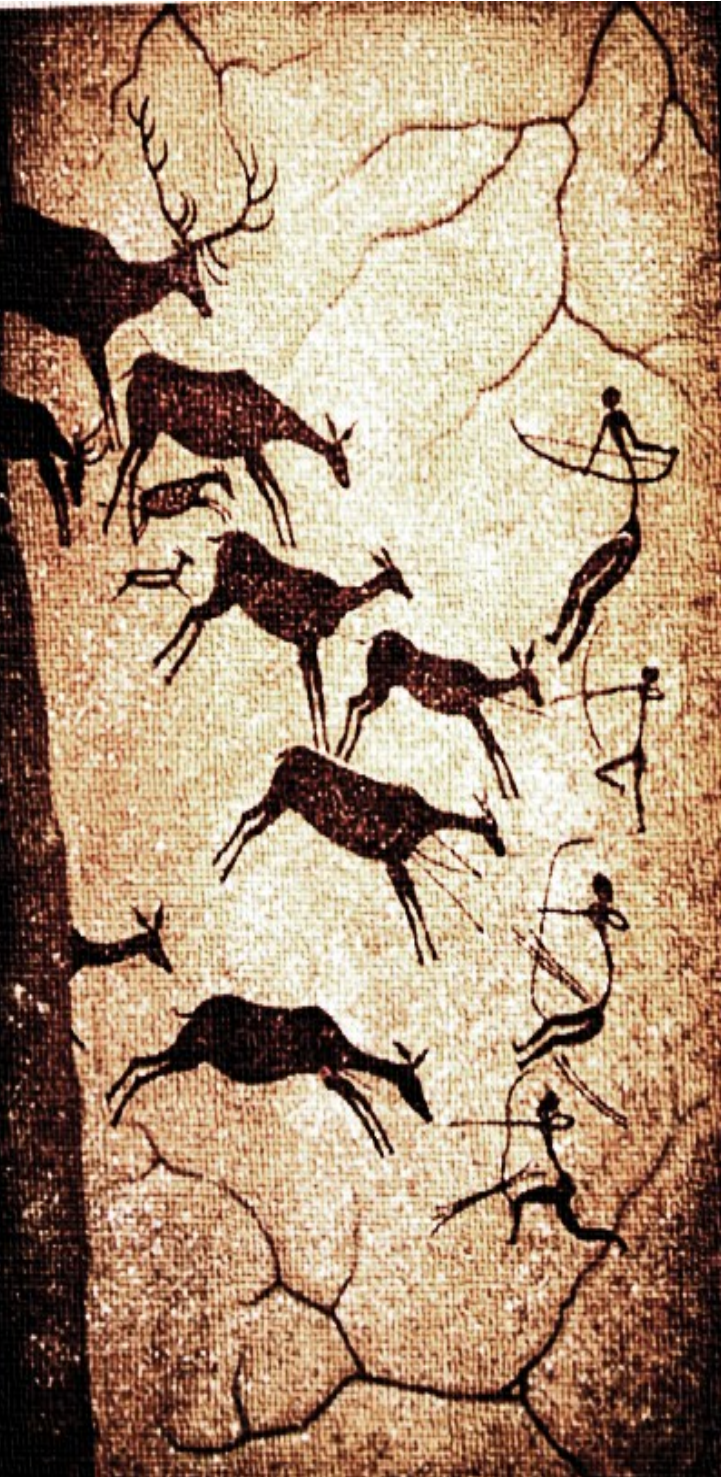
**Palavras-chave:** *Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula; Memória; História.*

### Abstract

*The main aim of this paper is to discuss the relationship between history and memory, with the backdrop of the relationship Ricardo Rojas, former resident and former foreman with the Old Frame of the São Francisco de Paula Ecumenical Cemetery in the city of Pelotas (RS). Portelli said that when we search a place, we also researched about who created it and that there were formed and the specific circumstances surrounding this place and these people. Thus, when we search the Old Frame of the Cemetery also searched Mr. Ricardo and his family, who lived and worked at the site between 1914 and 2009. Oral history is a methodology that seeks, through his sources, a path to production versions and interpretations of history in its many dimensions. After all, according to Alberti oral*







*history allows the researcher to recover that which was not found in other types of documents. In the case of Table Old Cemetery records found are poor, there are only administrative documents of the sponsor, which makes it even more important to the reports of Mr. Ricardo.*

**Keywords:** *Old Frame of the São Francisco de Paula Ecumenical Cemetery; Memory; History.*

\* Bruna Frio Costa  
Universidade Federal de Pelotas - Mestranda  
em Memória Social e Patrimônio Cultural,  
Especialista em Gestão de Eventos e  
Hotelaria, Bacharel em Turismo,  
bolsista FAPERGS  
E-mail: [bruna.frio@gmail.com](mailto:bruna.frio@gmail.com)

\*\* Carla Rodrigues Gastaud  
Universidade Federal de Pelotas - Doutora  
em Educação, Mestre em História,  
Bacharel em História  
E-mail: [orgastaud@gmail.com](mailto:orgastaud@gmail.com)



REVISTA  
**MEMORARE**



www.portaldeperiodicos.unisul.br

ISSN 2358-0593

## Introdução

Segundo Merlo (1997, p. 112): “O que move uma pessoa recordar determinados fatos do passado são as preocupações com o presente: ausência ou presença de algo ou alguém; sentimentos submersos que podem vir à tona no ato de lembrar ou provocar o esquecimento”.

Em 02 de novembro de 2005 a capa do jornal local Diário Popular estampava a manchete “A aristocracia sob guarda no Fragata”, onde o senhor Ricardo Rojas, zelador do Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, alertava para a delicada situação em que, já naquela época, o local se encontrava. Como um lugar tão belo e com tal importância para a cidade de Pelotas poderia estar tão abandonado e esquecido? O que aconteceria se por ventura o único conhecedor da parte antiga – o senhor Ricardo – viesse a falecer? Todas as informações morreriam junto com ele?

“O apelo que nossa sociedade faz de preservação de sua memória é, em última instância, a necessidade de reconstituição de si mesma, encarada como algo formado no passado para o presente” (ARÉVALO, 2005, p. 03), pois as memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam lugares como referências e cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções.

As diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visita. Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade transformam-se em verdadeiros lugares de memória (GASTAL, 2002, p.77).

De acordo com Nora (1993, p.21) lugares de memória são:

Lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico, funcional [...]. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma aura simbólica. São lugares que estendem uma história regada de cumplicidade, significações, afetividade, pertencimento, ou simplesmente de alma.

O interesse pelas particularidades do local surgiu a partir dessa data (02/11/2005) e, inicialmente, conduziu a realização de um levantamento histórico: como e onde os mortos eram enterrados, a criação dos cemitérios e mais especificamente a história do Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula. Um livro comemorativo ao sesquicentenário da

Santa Casa de Misericórdia (mantenedora do Quadro Antigo) serviu como principal referência bibliográfica e uma entrevista com o capataz do local respondeu a maior parte das indagações<sup>6</sup>.

Porém, após aquela entrevista bastante específica, entendeu-se que o senhor Ricardo Rojas era alguém com uma história relevante para se contar. Primeiro, por estar exercendo a função de capataz local há mais de cinquenta anos. Segundo por ter, durante grande parte de sua vida, morado dentro do cemitério. Terceiro, por ser o “guardião” de um livro, elaborado por seu irmão, Rui Rojas, escrito à mão, onde estão inventariados todos os túmulos do Quadro Antigo, com caracterização e localização exata e também o último representante de três gerações da mesma família de “capatazes”<sup>7</sup>. Diante de todas essas informações, ficou claro que o trabalho naquele lugar estava apenas começando e que, ao pesquisar o Quadro Antigo do Cemitério pesquisa-se também o senhor Ricardo e sua família, que viveram e trabalharam no local entre 1914 e 2009.

Portanto, discutir a relação entre história, memória e história oral, tendo como pano de fundo a relação de Ricardo Rojas, ex-morador e ex-capataz, com o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, apresenta-se como objetivo principal deste artigo, pois, “ao pesquisarmos um lugar, pesquisamos também sobre os que o criaram e que ali se formaram e sobre as circunstâncias particulares desse lugar e dessas pessoas” (PORTELLI, 2004, p. 09).

### **Um pouco sobre a história dos cemitérios**

Até o século XVIII não havia uma separação radical entre a vida e a morte. “*Os mortos deveriam ficar perto dos vivos, mas em espaço sagrado*” (REIS, 1991, p. 310). Por essa razão iniciou-se o costume de sepultamento nas igrejas. Tal mudança ocorreu devido à influência do iluminismo francês, juntamente com o avanço do individualismo, do pensamento racional e da secularização da vida cotidiana.

Difundiou-se, neste período, a crença de que “*o enterro nas igrejas, próximo dos túmulos dos santos e suas relíquias facilitava a passagem de um mundo extraterreno assegurando a salvação da alma*” (COE, 2000, p. 02). Para a sociedade da época, a igreja era uma das portas de entrada do paraíso e “*a proximidade física entre cadáver e imagens divinas, aqui embaixo, representava um modelo da contiguidade espiritual que se desejava obter lá acima, entre a alma e as divindades*” (REIS, 1991, p. 171).

<sup>6</sup> Constituindo, em 2009, o trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas de Bruna Rajão Frio “História e Memória do Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula”.

<sup>7</sup> De acordo com Ricardo Rojas, a denominação correta seria “coveiro”, porém, a mantenedora do Quadro Antigo, Santa Casa de Misericórdia, assinou sua carteira de trabalho (também a de seu pai e do seu irmão) como “capataz”.





Todavia, o espaço sagrado dos santos não podia comportar todos os cadáveres. Portanto, enterravam-se nas igrejas os católicos considerados “melhores”, ou seja, os mais favorecidos financeiramente. O enterro fora da igreja era reservado aos católicos com menor poder aquisitivo, aos não católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, escravos e condenados.

Mesmo com essa separação criou-se um sério problema de falta de espaço – devido ao crescimento populacional e a transmissão de doenças através dos miasmas concentrados nas naves e criptas das igrejas. Surgiu, *“em 1855, na Inglaterra, uma lei que regulamentava os sepultamentos e estes começaram a ser feitos fora do centro urbano, nos cemitérios”* (LUCAS, 2006, p.11).

Cemitério é o lugar onde são sepultados os cadáveres dos mortos. *“A palavra cemitério vem do latim “coemeterium” que vem do grego “kimitíon”, a partir do verbo “kimaó”, que significa “pôr a jazer” ou “fazer deitar””* (BELLOMO, 2000, p. 15). Anteriormente, designava a parte exterior da igreja, isto é, um adro ou um “atrium”, que é a área da frente da igreja.

A mudança dos enterros afetou principalmente os povos de predominância católica e *“a construção dos novos cemitérios não agradou boa parte da elite da época, pois a ideia de salvação estava intimamente ligada ao local de sepultamento”* (COE, 2000, p. 03).

Acreditava-se que *“o campo santo ameaçava noções tradicionais de espaço sagrado e outros aspectos da mentalidade funerária predominante”* (REIS, 1991, p. 310), afinal, *“o local de sepultura era um aspecto importante da identidade do morto”* (REIS, 1991, p. 191).

Mesmo com essa resistência inicial, a lei foi cumprida e os cemitérios passaram a fazer parte de um processo ininterrupto de transformação social. Tais mudanças permitem-nos identificar, hoje em dia, nos cemitérios toda uma representação simbólica do universo social daquela época, possibilitando diferentes análises dos fenômenos relacionados à dinâmica cultural. Afinal, já existia na elite o anseio de monumentalizar-se perante a comunidade. Desde o início, os cemitérios *“adjacentes às igrejas foram mais um meio de hierarquização do que de salvação das almas. A sepultura ‘ad sanctos’ (interior da igreja) consolidou as diferenças sociais, tornando visível o tratamento dado aos mortos nobres e aos mortos menos favorecidos”* (PEREIRA, p.19, 2002).

Bellomo (2000, p.15) destaca:

Os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes locais. Existe a área dos ricos, onde estão os grandes mausoléus; a área da classe média, em geral com catacumbas na parede, e a parte dos pobres e marginais. A morte igualitária só existe em discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas sócio-econômicas e ideologias. Deste modo, a análise permite conhecer múltiplos aspectos da comunidade, constituindo-se em grandes fontes para o conhecimento histórico.



A saída das igrejas, fez com que famílias tradicionais buscassem na arte funerária um meio de ostentar a imponência de seus nomes e valores sociais faustosos na suntuosidade de seus túmulos, destacando seus mortos: *“era e sempre foi o desejo dos mais abastados, distinguir-se através de uma marca perene, de um objeto de consagração – o túmulo – pela atração de comparar-se aos grandes personagens da história”* (ABREU, 1994, p. 207).

De acordo com Vaz (2007, p.60) *“outra função que assumem os cemitérios é a da demarcação social. Os mais abastados recebiam sepultura nas igrejas ou edificavam mausoléus, como pequenas reproduções de igrejas nos cemitérios”*. Tal situação já ocorria quando os enterros eram realizados nas igrejas *“o que definia o mapa social do espaço funerário não era a igreja, mas o tipo de sepultura, se no adro ou no corpo do templo, perpétua ou comum, de irmandade ou não, perto ou longe dos altares, em carneiras ou no chão”* (REIS, 1991, p.191).

A consideração pelo morto levou as famílias da cidade a ornarem os seus túmulos, diferenciando-os, trazendo personalidade, valores e ideais aos jazigos, afinal, o morto é o benemérito, reconhecido pelos seus feitos, para que os vivos o reconheçam em morte tal como foi reconhecido em vida. Desta forma, *“o cemitério católico emerge dos descampados como um suntuoso jardim: o túmulo torna-se um artigo de arte, consagrando um estilo, uma época, uma sociedade e sua economia”* (CARVALHO, 2005, p.10).

As famílias, a partir da primeira metade do século XX, contratavam construtores e escultores de renome, em sua maioria de origem italiana ou com formação na Europa, para construir e ornamentar os túmulos de seus entes queridos. Tais monumentos ajudariam a perpetuar a memória do morto e da sociedade. O falecido deveria ter uma ‘morada’ digna de sua importância social e de sua família.

A partir de tal cultura, o cemitério tornou-se um local pleno de significações que se inserem no campo dos dogmas, superstições, lendas e verdades. Apesar da aparência muitas vezes triste, os cemitérios podem guardar ricas surpresas para quem se dispõe a procurar.

Há algum tempo os cemitérios estão sendo vistos por outra perspectiva. Não são apenas o local onde os mortos são enterrados mas também, fonte de pesquisa e possíveis roteiros histórico de visitação em regiões turísticas . Isto ocorre em razão de os cemitérios possuírem elementos que demonstram a história social e artística das regiões através da estatuária, das obras arquitetônicas, dos epitáfios e dos símbolos encontrados e analisados nos túmulos, valorizando e exaltando a preservação desses imensos patrimônios públicos, como confirma Pereira (2002, p. 57):



[...] muito do que possuímos como história nos foi contada pelos objetos relativos à morte. Se as catacumbas são consideradas a primeira arte cristã que conhecemos, e se o tesouro histórico, deixado pelos egípcios possui inestimável valor para a humanidade no ponto de vista social, artístico, econômico, histórico, os cemitérios da cidade possuem valor inquestionável já que são parte da narrativa da cultura local. Suas estátuas, túmulos e adornos constituem um acervo a ser preservado, pois dificilmente poderá ser recriado tal conjunto, resguardando a história local.

Os cemitérios podem nos dar valiosas informações, afinal, de acordo com Bellomo (2000), são fonte histórica para a preservação da memória familiar e coletiva, fonte de estudo das crenças religiosas, forma de expressão do gosto artístico, forma de expressão da ideologia política, fonte para conhecer a formação étnica, fonte para estudo da genealogia, fonte reveladora da perspectiva de vida de uma sociedade.

Um passeio por esses locais vale por uma boa aula de história. Apesar de inusitadas, visitas aos túmulos são uma forma interessante de volta ao passado, afinal, é possível perceber desde o movimento artístico à religiosidade da época, e até mesmo as datas de nascimento e morte das pessoas enterradas causam curiosidade. Por estas razões a preservação dos jazigos é fundamental, pois não há dúvida de que são patrimônio. Há quem tenha interesse em saber, que importância tiveram as pessoas que estão enterradas lá para o desenvolvimento da cidade e em que condições morreram, afinal, *“os monumentos aos mortos, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela”* (ABREU, 1994, p. 213).

### **O Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula**

A área que corresponde ao Quadro Antigo é onde o atual cemitério teve origem. Sua construção data da segunda metade do século XIX, e deu-se em consequência da epidemia de cólera, que lotou o Cemitério do Passeio (que não existe mais), além de questões de higiene e planejamento urbano. É importante salientar que também os corpos enterrados no Cemitério do Passeio<sup>8</sup> foram transladados para o novo Cemitério da cidade.

O Quadro Antigo é dividido em quatro faces igualmente cortadas por duas avenidas que se cruzam ao centro.

A primeira avenida encontra-se a frente do portão de entrada e segue em direção a Capela do Senhor do Bonfim e a segunda avenida segue em direção a um pequeno portão, do

<sup>8</sup> O Cemitério do Passeio tinha “frente a leste pela rua Andrade Neves, fundos a oeste até a rua General Osório, face ao sul pela Bento Gonçalves e para norte ao campo aberto que havia aí, onde faziam os sepultamentos. os cadáveres, depois da encomendação, eram da Matriz até ali, levados à mão” (MAGALHÃES, 1997, p. 130).

lado leste, que dá entrada lateral para uma parte mais nova do cemitério. Um número considerável de palmeiras (FOTOGRAFIA 1) integra a paisagem.

Figura 1 – Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula



Fonte: Diogo Sallaberry, 2009

Os quatro quadrantes do Quadro Antigo possuem túmulos de diversos tipos, sendo os mais simples carneiras de chão e os mais elaborados capelas e mausoléus.

Melhor do que qualquer outro lugar, os cemitérios construídos na segunda metade do século XIX refletiram visões de mundo de diferentes grupos sociais, expressas por meio de modos socialmente apreendidos de viver que incluem comportamentos, ideias, crenças e valores (MOTTA, 2011, p. 218).

As datas de falecimento dos mortos no local permite-nos analisar que o maior número de construções deu-se por volta de 1980. Não há um padrão do tipo de túmulo, nem mesmo do material empregado para estas construções (Figura 2).



Figura 2 – Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula



Fonte: Diogo Sallaberry, 2009

Pensando nisto, entendemos que “a versatilidade dos cemitérios como fontes de informações e a identidade cultural que preservam, convidam a pensar sobre seu valor patrimonial”. (LEITZKE, 2010, p. 543)

Caminhando pelo Quadro Antigo nos deparamos com estátuas, vasos, bustos, fotos, cruzes, santos. A imponência dos túmulos, assim como das construções no centro da cidade (hoje tombado e considerado Patrimônio Cultural), faz-nos perceber que os cidadãos tinham ali, um novo espaço para construção de sua identidade.

Acreditamos que toda vez que os recursos permitiram às famílias exaltar as características de seus entes, estas o fizeram. “Os autores de projetos de cemitério do século XIX desejavam que fossem ao mesmo tempo parques organizados para a visita familiar e museus de homens ilustres, como a Catedral de S. Paulo, em Londres” (ABREU, 1994, p. 208).

Os cemitérios oitocentistas, com suas evidências alegóricas, de cenários operáticos e de convulsiva dramaticidade [...] esses lugares de enterramento desempenharam uma espécie de eficácia simbólica da conservação e da memória, materializada na monumentalidade arquitetônica de seus túmulos individualizados (MOTTA, 2011, p. 281).



Nas sepulturas é possível observar, pelos adornos, que eram para o sepultamento das pessoas da burguesia, ou de irmandades, pois algumas lápides apresentam brasões (de Barões, Coronéis e suas famílias) ou elementos representativos das profissões (médicos, advogados, engenheiros, entre outros). Isto faz com que a área do Quadro Antigo represente o espaço mais importante do Cemitério e recupere grande parte da história de Pelotas. Afinal, em um passeio pelo Quadro Antigo podemos nos deparar com o túmulo de “ilustres moradores” como Barão de Arroio Grande em uma parede, Visconde da Graça em jazigo, Barão de Santa Tecla em uma Capela, Coronel Pedro Osório em um mausoléu próximo à capela, o escultor Antonio Caringi em um mausoléu com estátua de bronze confeccionada pelo próprio antes da morte, Salis Goulart em uma carneira de chão, um busto homenageando Frederico Bastos, Edmundo Berchon em um mausoléu, Mozart Russomano em um mausoléu, entre tantos outros. Tais túmulos costumam ser visitados pelas famílias e também por estudantes e curiosos em busca de informações.

Ao caminhar entre os jazigos, perambula-se por um verdadeiro labirinto funerário. A ausência de uma distribuição de espaço dificulta o inventário, por exemplo, no momento de identificar a localização exata de um túmulo. Na lateral direita da Capela do Senhor do Bonfim estão localizados as sepulturas pertencentes às Irmandades: a de Nossa Senhora do Rosário, que após sua dissolução ficou para a Santa Casa, e a Irmandade de São Miguel e Almas. As demais extensões de catacumbas são particulares, ou pertencentes à Santa Casa. A ornamentação das sepulturas e a existência de um terreno mais ao fundo para o enterramento dos menos favorecidos em sepulturas de chão, nos permite perceber a carga elitista do local.

### **Sobre história oral e memória**

Se existe um fenômeno que é sempre atual e vivido – seja física ou afetivamente – é o da memória. A rememoração auxilia a recomposição da relação entre passado e presente, além de ser considerada uma estratégia de sobrevivência emocional. Como afirma Bosi (1994, p. 48) “*o passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente*”, afinal, segundo Bergson (1999) é do presente que se parte o chamado ao qual a lembrança responde.

A memória está vinculada à identidade do sujeito e à sensação de pertencimento do mesmo a determinado grupo social, afinal, “*sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade*

*desaparece*”. (CANDAU, 2012, p. 132) Muito mais do que saber para onde vai, o sujeito é como o pássaro Goofus Bird<sup>9</sup>, utiliza a memória para saber de onde vem.

Le Goff (2003, p. 437) salienta:

A memória é a quinta operação retórica: depois da *inventio* (encontrar o que dizer), a *dispositio* (colocar em ordem o que se encontrou), a *elocutio* (acrescentar o ornamento das palavras e das figuras), a *actio* (recitar o discurso como um ator, por gestos e pela dicção) e, enfim, a *memoriae mandare*, “recorrer à memória).

Na história oral a “*memória é vista como fato, como algo que pode incidir sobre a realidade e causar mudanças*” (ALBERTI, 2004, p. 11) e esta é “*a contribuição específica das fontes orais: sobretudo a história da memória, a história da imaginação, a história da subjetividade (tanto dos indivíduos quanto das instituições)*” (PORTELLI, 2004, p. 12).

Ao encontro disso, Robert Frank (1992) acrescenta que o pesquisador deve objetivar ir além da simples história do acontecimento, interessando-se também pela história da memória desse acontecimento até nossos dias. O uso da história oral, portanto, deve ser aplicado “*onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados*” (MEIHY, 2011, p. 197).

A história oral é utilizada para o estudo da história de memórias, isto é, de representações do passado e ao registrar a voz, registra “*a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós. Este registro alcança uma memória pessoal que, como se busca mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal*” (BOSI, 1994, p. 37).

### **A Família Rojas e o Quadro Antigo**

Acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares, registro que não encontramos em documentos escritos são, segundo Alberti (2005) passíveis de recuperação em uma entrevista de história oral. Pois, ao narrar-se, “*o sujeito desvela-se para si e revela-se para os outros*” (ABRAHÃO, 2004, p. 202).

Entende-se, portanto, que a entrevista não é simplesmente um ato em que se extraem informações, e sim, “*um espaço de narração*” (PORTELLI, 2009, p. 04) e o “*ouvir contar*”<sup>10</sup> faz-se essencial.

<sup>9</sup> “Um pássaro que constrói seu ninho ao inverso e voa para trás, porque ele não se preocupa em saber onde vai, mas de onde vem” (BORGES & GUERRERO, 1965, p.89).



Além disso, a metodologia de história oral permite o acesso a dados de difícil obtenção por meio da observação direta, tais como sentimentos, pensamentos e intenções. Afinal, segundo Errante (2000), há importância fundamental na porção ‘não falada’ das histórias orais - nos gestos e pausas - naquilo que o historiador e o narrador sabem que está sendo dito embora não seja expresso verbalmente.

Nos trechos a seguir apresentamos as falas do senhor Ricardo Rojas, ex-capataz e ex-morador do Quadro Antigo, em entrevista feita sem estruturação prévia, para que a conversa seguisse livremente, em dez de junho de dois mil e treze.

O meu pai chegou no cemitério em 1914, ele foi dado a uma família em que o senhor era o capataz do cemitério. Ele já tinha 14 anos de idade e ficou ali com eles, trabalhando no cemitério. Então, quer dizer, aí o meu pai ficou até 1972, quando ele faleceu. Criou os filhos todos ali, eram 18 mas, faleceram 6, ficou só 12 e todos nós vivemos ali dentro do cemitério. As minhas irmãs lavavam túmulo para ajudar, e nós, os guris, trabalhávamos lá também pois o pai ganhava pouco, 200 réis, 500 réis, aquilo ia ajudando na despesa. E aí, ali foi, e em 1972, o meu pai faleceu. Aí eu tinha o irmão mais velho, o Rui, que ficou de capataz, mas infelizmente ele teve muito pouco tempo, ele teve só dois anos, aí ele adoeceu e faleceu três anos depois em 77. E aí fiquei eu, tomando conta do cemitério. De 77, até eu me aposentar, no final de 2009 eu passei a ser o capataz do cemitério. Mas, aí foi, bem me criei ali dentro, eu fiz tudo que foi serviço: eu abri cova, eu fiz sepultamento, eu era pedreiro, eu era tudo, eu fazia sepultamento na parede, no chão. Eu comecei como funcionário da Santa Casa, de carteira assinada, em 12 de maio de 1952, aos 14 anos.

*“O testemunho oral revela a interpretação das histórias coletivas e das histórias da vida individual, e pode nos ajudar a entender como motivos e mitos coletivos podem ser significativos”* (THOMSON, 2002, p. 356) E, como as formas das histórias de vida são tão importantes quanto os fatos que elas contêm.

Sabe como meu pai fez para eu e o meu irmão, o Roberto, perder o medo? Ele se “esquecia”, naquele tempo, aquilo tudo era fechado lá nos fundos, ele se esquecia por gosto da ferramenta lá atrás da Capela, ou dizia que tinha deixado as portas abertas... E quando era dez horas da noite ele fazia nós ir lá buscar. E nós meio queria “empacar”, mas não empacava. Porque naquele tempo, o que o pai dizia, se fazia.

“Histórias de vida são contribuições que os entrevistados dão quando fazem relatos detalhados e extensos sobre sua existência, reconstituindo acontecimentos que vivenciaram, passagens da vida de outrora, de sua juventude, da sua infância” (QUEIROZ, 1988, p. 24). A

<sup>10</sup> “Ouvir contar: apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos” (ALBERTI, 2004, p. 10)



infância de Ricardo Rojas pode ter sido vivida de forma ordinária, porém, o fato de morar no cemitério apresenta determinadas curiosidades sobre os momentos de lazer com seu pai:

Sabe o que o meu pai fazia? O meu pai não saía de casa, então, ele jantava, e quando era sete horas, ele dizia: “Ricardo, vamos lá pra capela?” Ficava no fundo da capela, sentado... Aquilo era muito bonito lá dentro, muito bonito. Até os fundos era todo de madeira de lei, tinha uns armários... Então nós ficávamos sentados na porta de capela, nos fundos, até onze horas, meia noite. Eu ficava com ele, porque os outros meus irmãos não iam, não, eles não gostavam.

Portelli (2009, p. 03) afirma que a busca por fontes orais dá-se,

porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público e o modifiquem radicalmente.

Os registros encontrados a respeito do Quadro Antigo do Cemitério são pobres. Existem apenas documentos administrativos da mantenedora, o que torna ainda mais importantes os relatos do senhor Ricardo.

[...] Então assim nós fomos levando a vida. A coisa pra mim foi muito fácil porque eu fui criado ali, eu sabia tudo, tudo, tudo, pessoas chegavam, vinham perguntar, pessoas de fora perguntando, lá naqueles fundos, e olha que naqueles fundos, aquilo é grande. E eu trazia aquilo na memória. Uma pessoa me dava a data do falecimento, eu ia na administração e eles me davam o número e o ano e eu ia direitinho no lugar onde é. Conhecia muito, muito. O meu pai me dizia “se tu não tá ajudando tanto a Santa Casa, tu tá ajudando as pessoas que precisam, que quem ia pra lá era pessoa que precisava, não é? Daquele lugar”. Então eu sempre, eu sempre, sempre me baseei muito pelo meu pai, pela vida do meu pai. O meu pai é um exemplo maravilhoso, maravilhoso, de tudo, não é? De tudo!

Afinal, a história oral permite “a descoberta de acontecimentos capazes de gerar mudanças, a descoberta daquilo que engendra novos sentidos (sempre referenciados à realidade), ao invés de repetirmos, tautologicamente, aquilo que já é sabido, sentidos que já foram dados” (ALBERTI, 2004, p. 10). A “descoberta” do livro<sup>11</sup>, quem o fez, o que o motivou, é um exemplo disto.

<sup>11</sup> Um livro de atas, de capa dura, com cinquenta e três folhas onde estão inventariados, todos os túmulos pertencentes ao Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, como sua caracterização e localização exata.

O Rui foi o que fez este livro, em 1975. Porque aquilo ali só quem sabia era o meu pai (que morreu em 1972). O meu pai tu chegava ali na frente e dizia “Seu Elias onde está o túmulo de fulano?” E ele dizia “Vamos lá, meu filho, vamos lá!” E te levava. E nossa, e a nossa cabeça ainda não era preparada, não é. Ai um dia eu dei falta do Rui e ele andava com um papel de folha de alçaço, aquela, grande assim. E eu digo “o que tu tá fazendo, Rui?” E ele disse “Eu tô fazendo um mapa aqui desses túmulos para nós”. E ele disse “Vou botar esse o quadro número 1, aquele da cigana o número 2, viu? O do Caringi número 3 e esse último aqui número 4”. Ai fez. Ai mas fez só os rascunhos, ai o coitado, adoeceu e não fez mais. Daí ele disse “Ricardo, eu vou comprar um livro e tu pede pro Luiz Carlos”, o apelido dele era Pipa, era um baixinho que trabalhava conosco. Ele é que fez, ele tinha uma letra muito bonita. Ele fez de imprensa. Ele é que passou tudo, tudo pra cá. E depois quando ele passou o Rui disse “Ricardo, agora tu confere” e estava tudo certinho. Um túmulo por um. E ele levou muito tempo, porque ele fazia nas horas vagas, não é? Se não tinha serviço ele fazia nas horas vagas.

Alberti (2004) considera que uma das vantagens da história oral deriva do fascínio do vivido. Portanto, durante a entrevista, descobrir que, no cemitério, próximo aos túmulos havia plantação e animais, pode ser considerado, um tanto, diferente:

Então tem um pedaço do portão aquele, aquele lado ali que tu entra, a esquerda, até o canto onde entram os carros agora, aquilo tudo pertencia ao meu pai, nós é que cuidávamos. Meu pai plantava tudo Pra comer! Tinha uma horta. Tinha frutas, tinha pêssego, tinha laranja, bergamota, limão, ele tinha tudo ali. Criava porco. Tinha duas vacas. Tudo ali. Se comprava muito pouca coisa. No cemitério nós tínhamos tudo!

“Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’” (LOZANDO, 1994, p. 17), afinal, segundo Delgado (2010) a história oral registra, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões.

Sáimos da casa do cemitério em 79 porque a Santa Casa vendeu o terreno pra Cortel, pra fazer aqueles jazigos novos (Ecumênico). Mas eles não podiam desmanchar aquela casa, porque aquela casa foi dada pros capataz do cemitério, segundo consta. Mas não tem documento, isso não tem, só no boca a boca. Diz que a senhora que mandou fazer a capela, fez aquela casa, doou aquela casa. É o que contavam... meu pai já recebeu isso de outros. Porque foi 1856 o cemitério, não é? E a capela foi feita em 1880. Talvez a casa fosse feita em 1880 também, que a casa as portas tudo, as janelas, os enfeites, tudo era de granito, o redor das portas, o redor das janelas era de granito. Eu mesmo tenho aqui no meu jardim, uma única recordação daquela casa. É um vaso de flores de mármore de Carrara. Minha mãe foi quem trouxe da nossa antiga casa para cá.





A história oral não se preocupa em dispor de “nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas” (BOSI, 1994, p. 37), como quando o senhor Ricardo fala sobre a intenção – de pessoas que ele chama “da cultura” – de restaurar o Quadro Antigo, fato nunca exposto pela mantenedora, a Santa Casa de Misericórdia:

Sim, o pessoal da cultura. Foram na... na Santa Casa. Ai o provedor, seu Lamas disse assim: “Vocês procurem o seu Ricardo! Que eu, que é a pessoa indicada para dizer o que tem que fazer dentro do cemitério. Nem um engenheiro eu vou mandar lá sem vocês falar com ele”. Ai veio duas senhoras, veio três senhores, de certa idade, como são aqueles pessoal da cultura. Ai eu mostrei a capela, eles disseram “o senhor acha que tem condições de tirar estes mármores do chão para aproveitar em jazigos”? “Tenho, isso tudo é de 3 cm, isso é mármore de carrara isso não quebra assim no mais”. “Então a nossa ideia é o seguinte: aproveitar esse piso todo da volta... restaurar os túmulos, com este mármore que é o mesmo e aqui nós colocaríamos um piso”. Eu digo “É uma boa ideia. Agora, só tem um problema... Vocês vão ter que saber da Santa Casa, a Santa Casa vai ter que botar um edital no jornal chamando essas famílias, porque isso daí são famílias importantíssimas da cidade de Pelotas”. “Não, nós sabemos”. E eu digo “Porque isso aqui não pode mexer. Isso aqui tudo foi comprado por eles. Ai a moça disse “Ué, mas o senhor é esperto!” E eu disse “Eu não sou esperto, eu tenho é vivência!” Eu sei, eu conheço essa gente. Eu, quando a pessoa entrava lá no, lá no portão eu já sabia quem era. E ai, ele disse “Olha, nós arrumamos um milhão de reais pra Santa Casa começar a obra”. Eles iam, eles iam fazer no alpendre, fazer escritórios, com portas automáticas, com alarme com tudo. Eles iam arrumar aquela volta toda, aqueles jazigos para botar uma cerca elétrica de acordo. Eles iam restaurar a capela toda por dentro. Aquilo era muito lindo, não é? Pela frente a pessoa já tem uma ideia.

Ao analisarmos os trechos da entrevista do senhor Ricardo, podemos perceber que a sua história e a do Quadro Antigo se misturam. Sua vida não pode ser contada sem aquele cenário. E a história daquele lugar não deveria ser contada sem a Família Rojas. Isto faz-nos acreditar ainda mais na importância da história oral. Devemos dar voz (e ouvidos) aqueles que não estão nos livros mas, que, como no pensamento de Rezende (2010) estão entrelaçados com o lugar, pois o espaço, como lugar de coisa, torna-se um sistema coletivo de imagens onde cada lugar possui uma história a ser contada.

### **Considerações Finais**

A história oral é uma metodologia que busca, através de suas fontes, um caminho para a produção de versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões. Afinal, segundo Alberti (2004) a história oral permite ao pesquisador recuperar aquilo que não foi

encontrado em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares.

No caso do Quadro Antigo do Cemitério os registros encontrados são pobres. Existem apenas documentos administrativos da mantenedora, o que torna ainda mais importantes os relatos do senhor Ricardo.

Concluimos com este trabalho que as narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, que contêm a força da tradição e que muitas vezes relatam o poder das transformações. Sempre levando em consideração a ideia de Amado (1995) de que toda a narrativa articula elementos, como, quem narra, o quê narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra.

Pretendeu-se, então, através deste trabalho, utilizar o indivíduo em benefício do coletivo. E, a partir de suas experiências, vivências e realizações, descobrir um pouco mais sobre a história do local pesquisado.

## Referências

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre EDIPUCRS, 2004.

ABREU, Regina. *Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados*. In: **Estudos Históricos**, vol. 7, 205-230. 1994.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**. 1a edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína. O Grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: **Revista História**. São Paulo, 14:125-136, 1995

ARÉVALO, Maria Conceição da Massena. Lugares de memória ou a pratica de preservar o invisível através do concreto. In: **Revista História Hoje**. v. 3, n. 7, 2005.

BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória** : ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2- ed. – São Paulo : Martins Fontes, 1999.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, Identidade e Narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. In: **HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS**, Porto Alegre, ano 9. n. 19, julho de 2003.



COE, Agostinho Júnior Holanda. A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas para os cemitérios em São Luís. Maranhão, In: **Revista Outros Tempos**, 2000.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral – Memória, Tempo, Identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da Educação**. Asphe, n. 8, setembro de 2000.

FRANK, Robert. La mémoire et l'histoire. In: VOLDMAN, Danièle (dir.). **La bouche de La vérité? La recherche historique et les sources orales**. Cahiers de l'IHTP. novembro de 1992, p.65-72

GASTAL, Susana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In: Gastal, S. (org). **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LEITZKE, Luiza F. C. de. **Entre a lembrança e o esquecimento: implicações do descaso patrimonial para arte funerária do Rio Grande do Sul**. Bahia: Cachoeira, 2010.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práctica y estilos de investigación en La historia oral contemporánea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.) **Usos e abusos da História Oral**. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LUCAS, Agnaldo Leon. **Os cemitérios no bairro Fragata: uma relação entre o antigo e o contemporâneo**. Instituto de Ciências Humanas, Monografia de Especialização em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, 2006.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Mundial, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral Como Fazer Como Pensar**. São Paulo: Contexto, 2011

MERLO, Márcia. As vozes do Bonete, uma face de Ilhabela. In: DIEGUES, Antônio Carlos S.(Org). **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997.

MOTTA, Antonio. **Museu da Morte: patrimônios familiares e coleções**. Rio de Janeiro: Imo's, 2011.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. In. **PROJETO HISTÓRIA**, São Paulo: 1993.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. In. **MEMOSINE**. v.6, n. 2, 2009.

PORTELLI, Alessandro. **República dos Sciuscià: a Roma do pós-guerra na memória dos meninos de Dom Bosco**. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos orais do “dizível” ao “indizível”. In: SIMSON, Olga Von (org.) **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo, Vértice: 1988.





REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Maiquel G. Silêncio e esquecimento: Henrique Carlos de Moraes e a construção de um agente de preservação do patrimônio em Pelotas (1993 – 1986). Instituto de Ciências Humanas, Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural I. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. In: **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA**. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002. THOMSON, 2002, p. 356.

VAZ, Samuel Campos. **Imagens e representações da morte no cemitério da cidade de Goiás: semelhanças e diferenças**. Goiânia: Editora UFG, 2007.